

**A INFORMATIVIDADE NO ETHOS MULTI(FACE)TADO DO SAMBA-ENREDO:
MEU DEUS, MEU DEUS, ESTÁ EXTINTA A ESCRAVIDÃO?: POR UMA
CORRELAÇÃO AMPLIADORA DA NOÇÃO DE INFORMATIVIDADE DA
LINGUÍSTICA TEXTUAL**

Julio Teixeira de SOUZA¹
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
jtousza02@yahoo.com.br

RESUMO: O conceito de informatividade trabalhado pela Linguística Textual parece que é pouco problematizado a fim de se descobrirem ligações com outros elementos teórico-analíticos da linguagem. No geral, é reservado à informatividade o entendimento de que diz sobre a distribuição de informações ao longo da superfície textual. Apura-se o grau de informatividade, que varia entre alto, médio e baixo, a depender do conhecimento prévio do leitor do texto. No entanto, acreditamos a informatividade ser um fator textual potencialmente discursivo porque é possível percebê-lo como o responsável pela criação de um *ethos* discursivo em relação ao qual o sujeito do discurso projeta sua *face*. Partimos da compreensão centrada no texto para dizer de um sujeito que nasce de sua articulação linguístico-discursiva. Esse sujeito não é mais o autor do texto, mas sim um sujeito do discurso, cujo contorno é traçado pelas informações que enuncia. Neste artigo, analisaremos um samba-enredo. Traremos o samba-enredo da escola de samba Paraíso do Tuiuti, no ano de 2018, como material significativo com que queremos demonstrar a possibilidade de se ampliar a noção de informatividade, correlacionando a ela a noção de *ethos* e de *face*. Para o aporte teórico deste trabalho, contaremos, sobretudo, com os entendimentos de Koch (2009), Marcuschi (2008), sobre a Linguística de Texto, de Amossy (2016), sobre *ethos*, de Goffman (1985, 2011), sobre *face*, e de Farias (2002), sobre a linguagem do samba-enredo. Com isso, temos a intenção de contribuir com os estudos de texto, donde destacamos o fator da informatividade.

PALAVRAS-CHAVE: informatividade; ethos; face; samba-enredo.

**LA INFORMATIVIDAD EN EL ETHOS MULTI(FACIENTE) DEL SAMBA-
ENREDO: DIOS MÍO, DIOS MÍO, ESTÁ EXTINTA LA ESCLAVITUD?: POR UNA
CORRELACIÓN EN AMPLIACIÓN DE LA NOCIÓN DE INFORMATIVIDAD EN
LA LINGÜÍSTICA TEXTUAL**

¹ Mestre em Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

RESUMEN: El concepto de informatividad trabajado por la Lingüística Textual parece poco problematizado para descubrir conexiones con otros elementos teórico-analíticos del lenguaje. En general, la informatividad se reserva a la comprensión de lo que dice sobre la distribución de la información a lo largo de la superficie textual. Se determina el grado de informatividad, que varía entre alto, medio y bajo, dependiendo del conocimiento previo del texto por parte del lector. Sin embargo, creemos que la informatividad es un factor textual potencialmente discursivo porque es posible percibirlo como responsable de crear un ethos discursivo en relación con el cual el sujeto del discurso proyecta su rostro. Partimos de la comprensión centrada en el texto para decir sobre un tema que nace de su articulación lingüístico-discursiva. Este sujeto ya no es el autor del texto, sino un sujeto de discurso, cuyo contorno está trazado por la información que enuncia. En este artículo analizaremos un enredo de samba. Traeremos la trama de samba de la escuela de samba Paraíso do Tuiuti, en 2018, como material significativo con el que queremos demostrar la posibilidad de ampliar la noción de informatividad, correlacionando con ella la noción de ethos y rostro. Para el sustento teórico de este trabajo, nos apoyaremos, sobre todo, en las comprensiones de Koch (2009), Marcuschi (2008), sobre Lingüística del Texto, Amossy (2016), sobre el ethos, Goffman (1985, 2011), sobre el rostro, y Farias (2002), sobre el lenguaje de samba-enredo. Con esto pretendemos contribuir a los estudios de textos, donde resaltemos el factor de informatividad.

PALABRAS-CLAVE: informatividad; carácter distintivo; rostro; trama de samba.

1 INTRODUÇÃO

O conceito de informatividade é pouco explorado e aprofundado nos livros de teóricos como Cavalcante *et al.* (2022), Koch (2009), Marcuschi (2008, 2012), todos ligados à teoria da Linguística Textual. Tratam, especialmente, sobre a distribuição das informações ao longo do texto, avaliando-as conforme possam, mais ou menos, surpreender o interlocutor com informações novas ao seu conhecimento prévio. Partindo do princípio de que toda mensagem informa algo, portanto, em certa medida, todo texto é, ou é também, informativo, é muito pouco o que se tem dedicado ao estudo sobre o fator da informatividade textual. Em razão disso, temos nos debruçado em (re)conhecer a complexidade por volta do termo informatividade.

Estamos fazendo um estudo sobre a informatividade que chamamos de desmantenedora, quando desmantém um discurso cristalizado socialmente, rompendo-lhe o

rumo tradicional de entendimento sobre os acontecimentos de mundo. Esse assunto será publicado em tese de doutoramento ainda em curso. Já falamos sobre a informatividade democrática, quando um texto compreende em si vários pontos de vista manifestos, reunindo-se em uma polifonia. Essa abordagem está contida em artigo científico para publicação do CONELP 2023. Já nos dedicamos a um estudo sobre a (in)formatividade, isto é, sobre a capacidade de a informação formar determinada concepção de mundo no leitor, material que aguarda oportunidade para publicação. Agora, estamos dispostos a discorrer sobre a informatividade em decorrência de um *ethos* multi(face)tado. Concebemos o *ethos* como a imagem do sujeito do discurso, não, portanto, o sujeito pré-discursivo, anterior à enunciação, mas sim aquele da enunciação, cuja face fica à mostra no posicionamento discursivo do texto.

No nosso trabalho, o sujeito do discurso é o sujeito do discurso do samba-enredo (Ortiz, 1998), e a linguagem é a do samba-enredo (Faria, 2002). Nossa perspectiva de abordagem se alinha mais ainda com a Linguística Textual quando esta entende que o texto é o seu ponto de partida e de chegada (Koch, 2009). Por isso, quando falamos de intencionalidade, por exemplo, pensamos na intenção do texto (Koch; Elias, 2018), não na do seu autor, conhecido como locutor pela Linguística Textual. Quanto à informatividade, preferimos também encontrar uma metodologia que a apure segundo critérios, acima de tudo, centrados no texto, no seio do qual opera o circuito interno da linguagem, no eixo do dizer (Charaudeau, 2016).

A Linguística Textual, servimo-nos da consciência de Marcuschi (2008), é uma teoria não interpretada de maneira unívoca. Isto é: a Linguística Textual é uma teoria aberta a nuances. Como acreditamos que o texto é quem deve dizer sobre si mesmo, sobre o extratextual, e não vice-versa, centramos nossa análise especialmente no texto, evitando, o máximo, sair dele para infiltrar-lhe sentidos que estão mais nos interlocutores do que no

texto. Por isso, é-nos apazível o nome linguagem do texto, porque nos parece deixar bem claro o que é central: o texto.

Neste artigo, assumimos a postura de analistas do texto, aceitando que nem todo texto é bem produzido nos termos dos fatores de textualidade, cuja adequação, na verdade, varia de texto para texto, ou melhor, de gênero textual para gênero textual, segundo a variação das circunstâncias de produção e recepção dos textos. Sendo assim, para não cometermos a falha de generalização tentando falar sobre os gêneros textuais, os mais variados possíveis, situamo-nos, exclusivamente, no texto letra de samba-enredo.

Somos analistas da linguagem do texto do samba-enredo, em consequência, entre Linguística de Texto e Linguística Textual, preferimos a terminologia a linguagem do texto, ou, seguindo Faria (2002), linguagem do samba-enredo. Procuramos descrever propriedades textuais tais como: do que o texto fala, como fala e quem faz falar segundo sua linguagem. Quase que estamos personificando o texto, e, talvez, se assim estamos, sem problemas desanimadores caminhamos. Tal como acontece com os sujeitos de linguagem, nem sempre o texto é perfeito como idealizamos ser seu desígnio final em decorrência de sua linguagem. Podemos encontrar um texto, por exemplo, com insuficiência de dados informativos (val, 2006), sem que, com isso, tenhamos de envidar esforços em preencher seus espaços com conhecimentos que estão na situação extraverbal e não na intraverbal.

Como entendemos que o universo textual é algo muito amplo, e mesmo infinito, e, em via de regra, uma Linguística de Texto tem de ser capaz de oferecer repertório teórico-metodológico para análise de qualquer texto, seja verbal, seja não verbal, a cautela que assumimos, por ora, permite-nos discorrer apenas sobre a linguagem do texto do samba-enredo. Esse é o nosso recorte. Pensamos os sambas-enredo serem textos literários, portanto tendo de ser explorados no mundo que criam. Este mundo que criam pode até dizer sobre o

mundo que lhe é externo, de maneira que podemos inferir o mundo extraverbal pelo mundo intraverbal do texto do samba-enredo.

Logicamente, não estamos desassociando o texto da história, apenas estamos invertendo as posições, de tal sorte que não é o espírito da época que fala sobre o texto, mas sim o espírito do texto que fala sobre a época. Podemos, cautelosamente, ir à história, mas para (res)significá-la por intermédio do texto, não se deixando valer por um sentido que não produz, mas que a história quer lhe impor, ou os sujeitos interpretantes querem assim fazer, redundando em possibilidades de interpretação quase à disposição total dos interlocutores.

Quando falamos de informatividade no título deste expediente, estamos no esforço de ampliar-lhe a noção. Dessa forma, temos de entender que a informatividade não se restringe ao conteúdo de um texto, também deriva da sua forma. Além disso, sabemos que a informatividade não se resume ao posto, alonga-se ao pressuposto e mesmo ao subentendido. Contudo, não iremos ao longe para abraçar todas essas possibilidades.

Acreditamos que podemos correlacionar a informatividade aos ecos de outros conceitos de estudo da língua, como o *ethos* da retórica de Aristóteles e a noção de *face* segundo Goffman. Alhures, já deslumbramos correlação entre informatividade e polifonia, agora queremos fazer com a noção de informatividade, *ethos* e *face*. Para nós, se todo texto tem seu fator de informatividade, então todo texto tem o seu informante, que pode estar mais evidente ou não. Esse informante é constituição de um *ethos* textual que lhe apresenta a face, mesmo que seja uma face escondida atrás da terceira pessoa do discurso.

Elocutivamente (Charaudeau, 2016), percebemos um *eu* do texto, cuja imagem esse texto cria e recria durante seu processo de construção. No samba-enredo em proveito nosso, há um sujeito do samba-enredo, apenas um no nível discursivo, em que há, em linhas gerais, o escravizado, que, no entanto, desmembra-se em algumas faces no nível textual, tornando-se os escravizados, o que acontece sem perder de vista o engajamento temático do texto: a

escravidão. Demonstraremos como esse fenômeno linguístico-discursivo ocorre no texto do samba-enredo *Meus Deus, meu Deus, está extinta a escravidão?*, título do carnaval do desfile da escola de samba Paraíso do Tuiuti, no ano de 2018.

Por fim deste artigo, queremos haver contribuído com os estudos linguísticos sobre os textos artísticos dos sambas-enredo, que ainda muito timidamente aparecem nas salas de aula em meio ao objetivo indicado de ampliação de gêneros textuais como *corpus* de análise. Este estudo que aqui provemos acreditamos se justificar, especialmente, pela proposta de um olhar mais complexo acerca do fator de informatividade abordado, máxime, pela Linguística Textual. Acreditamos que a informatividade é responsável por muitos efeitos linguístico-discursivos em um texto e, por isso, cabe explorá-la para desvendar-lhe as potencialidades.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Marcuschi (2008) adverte que informatividade não se resume a uma noção simplista, porque é, na verdade, algo complexo. No entanto, nem ele mesmo trabalha para descrever essa complexidade, a fim de reunir elementos linguísticos e discursivos que consigam mais amplamente dizer sobre esse fator textual. Segundo Koch (2009, p. 41), “a informatividade diz respeito, por um lado, à distribuição da informação no texto, e, por outro, ao grau de previsibilidade/redundância com que a informação nele contida é veiculada.”

O que se tem comumente nos livros cuja parte de sua totalidade contemple algum espaço para informatividade é quase mais do mesmo, isto é, é mais sobre a análise acerca dos graus de informatividade, colocando-se como referencial o conhecimento prévio do interlocutor. Em Fávero (1985, p. 13, grifo da autora), por exemplo, temos escrito que “o termo **informatividade** designa em que medida os materiais linguísticos apresentados no texto são esperados/não esperados, conhecidos/não conhecidos da parte dos receptores.”

Essa maneira de lidar com a informatividade não parece ser muito confiável, porque, sobretudo, é carente de mensuração estatística, portanto, probabilística. Como se pode mensurar, objetivamente, o conhecimento de mundo do leitor? No máximo, especula-se, porque se projeta quem será o leitor, quer dizer, a quem se destina a obra, seu público-alvo interno ao texto. Acreditamos, a despeito do que vem acontecendo, que compete à Linguística de Texto a análise do seu destinatário interno, que Fiorin e Savioli (1999) chamam de leitor-modelo e que Charaudeau (2016) denomina tu-destinatário.

Defendemos uma análise da informatividade de maneira, especialmente, centrada no texto, apurando-lhe a linguagem, como fez Farias (2002), mas assumindo nós uma perspectiva mais textual do que estilística, sendo esta a privilegiada por Farias (2002). Comparando discursos, é possível perceber que muitos mantêm uma mesma maneira de informar o mundo e alguns poucos outros a desmantêm, tornando, por isso, mais informativos estes, uma vez que acrescentam conhecimentos, não (se)alimentando do lugar-comum acerca das concepções de mundo textualizadas. Um bom exemplo de um discurso com informatividade desmantenedora é o samba-enredo da escola de samba Estação Primeira de Mangueira no carnaval de 2019. Trata-se de uma versão diferente acerca do acontecimento de mundo conhecido discursivamente como descobrimento do Brasil.

Acreditamos que apurar a informatividade pode ocorrer de modo tanto textual quanto discursivo. Em revalorização dos estudos da sintaxe da Língua Portuguesa, podemos beneficiar a análise levando em conta construções sintáticas que surpreendem. A surpresa ocorre do inesperado segundo a relação sintática, ou melhor, sintático-semântica no tocante aos constituintes de um texto. Na literariedade (Fiorin, 2019) dos sambas-enredo, isto é, no mundo que seus planos de expressão e conteúdo constroem, podemos identificar construções com significativa informatividade. O uso do sentido figurado dá ao texto informatividade

pela sua construção sintático-semântica especial. Segundo Koch (2009, p. 41), “o grau máximo de informatividade é comum na linguagem poética e metafórica em geral”.

Em D’Azevedo (1971), sintagma como *Paris é capital da França* inscreve-se em baixa informatividade, em razão da alta probabilidade de ocorrência desse enunciado. Agora, enunciar que *Paris é a capital da moda*, por exemplo, é menos esperado e, por isso, mais informativo. Há três ordens de informatividade (Fávero, 1985). De acordo com Fávero (1985), quanto mais provável é uma informação menos informativa ela é. Além disso, entre as três ordens de informatividade, as variações correm segundo o critério do custo do processamento da informação por parte do interlocutor, maneira idêntica como enxerga Antunes (2017). No meio entre alta informatividade: alto custo no processamento, e baixa informatividade: baixo custo, há o grau médio, cuja definição não encontramos a contento em Fávero (1985).

Outra maneira de se dizer sobre a informatividade consiste na relação entre forma e conteúdo. Para Fávero (1985), “todo texto contém pelo menos alguma informatividade: não importa quão previsíveis possam ser a forma e o conteúdo.” Se não possamos dizer que, necessariamente, muda-se o valor quantitativo da informatividade na permuta das sentenças *Paris é a capital da França* e *A capital da França é Paris*, ao menos, no valor qualitativo da informatividade (Val, 2006), há alteração. Com base em Pontes (1986), entendemos que a mudança de forma pode vir a não alterar o sentido, mas provoca efeito de sentido diverso. As possibilidades de construção que a Língua Portuguesa oferece aos interlocutores permitem-nos ser estratégicos. A entrada inicial de *Paris* ou *capital* topicalizam de maneira diferente o enunciado, e, com isso, seu potencial informativo não se iguala no efeito de sentido que produzem. Segundo Antunes (2017), a informatividade se define na imprevisibilidade, não somente na novidade em relação ao conteúdo, mas em relação à forma também.

A abordagem tradicional sobre a informatividade é, basicamente, essa apresentada até aqui. Todavia, temos a intenção de ampliá-la, porque, tal como Marcuschi (2008), como dito, reconhecemos sua complexidade. Vamos, então, falar sobre a informatividade no *ethos* na constituição de uma *face* do sujeito do discurso. Primeiramente, entendemos que toda informação é informada por alguém, que, por mais que não esteja explícito no enunciado, existe. É tal como ocorre no estudo sobre agente da passiva, por mais que ele não esteja manifesto na voz passiva, existe, porque há sempre um agente da passividade. Ocorre o mesmo com a noção de informante que adotamos aqui. Quem informa é informante; quem se beneficia dessa informação é informado. Estamos considerando que a informatividade do texto é quem bastante constrói a imagem do informante. Estamos querendo dizer que a informatividade traça o perfil do informante, portanto, o seu *ethos*. O sujeito do discurso se revela no seu dizer, no seu informar. Por isso, é comum advertir ao locutor incauto sobre o cuidado com o que se vai dizer. Quem diz qualquer coisa sem lhe apurar as consequências tem em risco sua face. O que dizemos, antes de dizer sobre o mundo, diz sobre nós mesmos. Esses nós não se trata de um sujeito de carne e osso, o sujeito comunicante, nos termos de Charaudeau (2016). Trata-se, com base nesse mesmo teórico, do eu-enunciador, sujeito protagonista da enunciação, sujeito de papel como diria Fiorin e Savioli (1999).

Partimos de ideia de que os sambas-enredo têm as propriedades textuais descritas em *do que falam, como falam e quem fazem falar*. Acreditamos que não sejam, logicamente, propriedades restritas a essas composições, mas não queremos correr os riscos das generalizações sem as devidas comprovações. Preferimos apenas nos concentrar no que julgamos encontrar, mais um menos evidentemente, nessas composições do carnaval dos desfiles das escolas de samba. A letra de samba-enredo *faz falar* alguém, e conseguimos identificar esse alguém quando o analisamos à luz do *ethos* da retórica aristotélica. A identidade desse sujeito é discursiva. “Os antigos designavam pelo termo *ethos* a construção

de uma imagem de si destinada a garantir o sucesso do empreendimento oratório” (Amossy, 2016, p. 10). Em meio à construção do *ethos* discursivo, “o orador enuncia uma **informação** e ao mesmo tempo diz: **sou isto**, não sou aquilo” (Barthes *apud* Amossy, 2016, p. 10, grifos nossos).

Consideramos os sambas-enredo como composições poéticas. Em virtude disso, suas construções edificam um mundo que não se limita nos contornos dos valores sociais, embora sobre eles digam e deles se alimentem na produção de sentido. O mundo do texto poético permite inversões sociais como dizer que *O rei sou eu*, na letra do samba-enredo da escola de samba São Clemente, em 2017; dizer que *Hoje eu vou tomar um porre*, na letra do samba-enredo da União da Ilha do Governador, em 1991; dizer que *O rei mandou cair dentro da folia*, União da Ilha do Governador, 1989. Dessa forma, o *ethos* do sujeito do samba-enredo não se constringe nos limites sociais. O pano de fundo dos sambas-enredo é o carnaval, um ritual de inversão social.

Na realidade do samba-enredo, seu discurso, ou melhor, seu sujeito do discurso tem de estabelecer comunicação com o povo. No desfile das escolas de samba, seus componentes devem cantar fervorosamente o samba, e nada mais motivador para ocorrer isso é o samba se tornar uma catarse popular, como ocorreu com Explode Coração, da escola de samba Unidos do Salgueiro, em 1993. Fiorin (2019) ensina que a literatura tem a capacidade de servir como elemento de catarse aos indivíduos. Esse fenômeno ocorre quando os interlocutores se identificam com a imagem do sujeito do discurso, quando o veem como porta-voz dos seus anseios. O *ethos* do sujeito do discurso do samba-enredo da Paraíso do Tuiuti, no ano de 2018, foi capaz de promover esse extravasamento.

Se letra de samba-enredo puder ser considerada um gênero literário ou não, ainda é um desafio a cuja seara não iremos nos dedicar a entrar no momento. Algo que pode ser de entendimento mais pacificado consiste na aceitação da literariedade dessas canções, isto é,

na força estilística de suas formas de expressão, que informa como uma coletividade pensa os acontecimentos de mundo. Conquanto possa não predominar a função informativa (denotativa) nos textos literários, ainda assim são informativos. É importante saber, pela escrita de Antunes (2017, p. 107), que o termo informatividade “não significa apenas que um texto tem como função principal ‘transmitir informações’. Desse modo, todo texto – até mesmo o texto literário – circula com a finalidade de ‘informar sobre algo’.”

Todo sujeito tem a intenção de informar quem é e quem não é, para que, assim, possa ter-lhe a identidade (re)conhecida. Falar sobre identidade nos permite falar de *face*, da face do sujeito do discurso. Não há parte de corpo mais identitária do que a face, vide as fotos das carteiras de identidade. Por isso, o termo face empresta uma boa noção para o entendimento da imagem identitária do sujeito do discurso. Um mesmo sujeito do discurso pode assumir várias *faces*. Pode transitar entre elas a fim de se legitimar como sujeito com vários lugares de fala. Não, necessariamente, um sujeito multi(face)tado são muitos sujeitos, sem unidade. Os seres humanos mesmos são multi(face)tados, vestem máscaras sociais para se adequarem a ambientes distintos de interações sociais (Goffman, 1985). Com base nisso, podemos dizer haver um *ethos* multi(face)tado. No nível discursivo, podemos ver se tratar de um mesmo sujeito do discurso, porta-voz de uma coletividade. No nível textual, perceberemos, porém, ele se desmembrar em algumas faces.

Com base em Amossy (2016, p. 13), segundo seus estudos fundamentados em Goffman, “a face é uma imagem do eu”. Devemos lembrar que estamos fiéis ao estudo centrado no texto, operado no circuito do dizer, no circuito interno, como postula Charaudeau (2016), em que não atua pessoa, mas sim sujeito, isto é, sujeito do discurso, que assume o *eu* da enunciação. Dessa forma, temos de dizer que, para nós, a *face* não é uma imagem de um *eu* anterior ao ato de dizer. A nosso ver, a *face* coincide com o *eu*.

Alinhamos a noção de *ethos* com a noção de *face*, uma vez que assumimos a noção de *ethos* dos pragmáticos e, então, “na linha de Aristóteles”, esse *ethos* “constrói-se na interação verbal e é puramente interno ao discurso, enquanto o dos sociólogos se inscreve em uma troca simbólica regrada por mecanismos sociais e por posições institucionais exteriores” (Amossy, 2016, p. 122). Embora a noção de face de Goffman (1985) ocorra fundamentada na sociologia, não vemos motivo para não a relacionar aos estudos da linguagem, uma vez que as interações sociais (Goffman, 2011) acontecem por intermédio de textos, onde interagem sujeitos do discurso, os que mais nos interessam no presente momento.

Goffman (1985), na sua abordagem, estuda, principalmente, a situação de interação face a face, instaurada no circuito externo da comunicação (Charaudeau, 2016), onde os interlocutores são considerados seres psicossociais externos à linguagem. Nós, entretanto, estamos privilegiando o entendimento sobre a interação instaurada no circuito interno da comunicação, no eixo do dizer (Charaudeau, 2016), onde os sujeitos não são seres de carne e osso, mas sim sujeitos do discurso, cuja face é mostrada pelas informações atreladas a eles. No entanto, sabendo dessa particularidade dos circuitos do ato de linguagem, podemos nos aproveitar da noção de *face* de Goffman (1985), fazendo analogias, mas respeitadas as características de cada situação de comunicação. Analogamente à comunicação presencial, podemos entender a comunicação entre os sujeitos do discurso. Por isso, valem-nos as considerações de Goffman (1985, p. 11, grifo nosso), segundo as quais, “quando um indivíduo chega à presença de outros, estes, geralmente, procuram obter *informações* a seu respeito ou trazem à baila a que já possuem.”

Assumimos o pressuposto de que, no interior de uma interação verbal, os sujeitos do discurso têm seus *ethos* construídos pelas informações que lhes contornam a face. Quando estamos falando de informatividade no *ethos* multi(face)tado, estamos apenas elucidando

algo que possa passar despercebido na análise da linguística do texto, mas que existe atuante na produção discursiva. Por exemplo, o sujeito do discurso do samba-enredo da União da Ilha do Governador, em 1991, enunciando que “*Hoje eu vou tomar um porre / Não me socorre / Que eu estou feliz*”, ao mesmo tempo ele informa e, informando, constrói seu *ethos*, cuja *face* tenta legitimar, preservar, defender, dizendo que *irá tomar um porre* porque está feliz e, sendo a felicidade um sentimento positivo, sua positividade acaba “contaminando” positivamente o valor social de porre.

É da competência discursiva os sujeitos legitimarem seu lugar de fala construindo de si uma imagem adequada à finalidade comunicativa. Abaixo, na análise do samba-enredo da escola de samba Paraíso do Tuiuti, 2018, temos como objetivo demonstrar a relação entre informatividade, *ethos* e *face*, com isso, conjugando-os a fim de oferecer um olhar mais complexo acerca do aspecto textual dessa composição lítero-musical. Não entraremos no domínio da musicalidade do samba-enredo, para não confundir as semioses verbais e não verbais. Por ora, discorrer sobre o elemento linguístico do samba-enredo já nos é suficientemente desafiador e bastante instigante.

3 ANÁLISE DO SAMBA-ENREDO *MEU DEUS, MEU DEUS, ESTÁ EXTINTA A ESCRAVIDÃO?*

A letra do samba-enredo da Paraíso do Tuiuti, do ano de 2018, é uma investida a favor de sambas-enredo decoloniais. O da Estação Primeira de Mangueira, em 2019, é outro exemplo dessa perspectiva decolonial (Silva, 2021). Esses sambas questionam a maneira como foram escritas as páginas da história do Brasil Colônia. Incomodam-se com a narrativa tradicional sobre essa época, abrem discursos desmantenedores de uma “verdade” aceita pelo senso comum. Textos com o perfil decolonial têm como desígnio não simplesmente

trazer ao conhecimento do leitor informações novas, propõem outro entendimento sobre o conhecimento de mundo que discursivizam. São textos que incomodam, na acepção da palavra incomodar, quer dizer, têm o potencial de tirar o leitor de uma situação cômoda de acreditar que somente existe uma versão sobre os acontecimentos de mundo. Como diz Adler e Doren (2010), a leitura de entendimento é diferente da leitura informativa, aquela busca a alteração de um ponto vista do leitor.

Vasconcelos (2018, p. 209) defende que o samba-enredo da Paraíso do Tuiuti, 2018, é

uma composição que fala à alma e ao coração... Construção que margeia o que há de mais tradicional no estilo samba-enredo com o refinamento moderno de palavras e expressões poucas vezes ouvidas em nossos carnavais... Características que expressam em versos a originalidade e a pertinência de um enredo tão marcante, atual e acima de tudo necessário. A melodia do samba possui variações que enfatizam o drama daqueles que sofreram com a escravidão, como também se eleva em momentos marcantes que salientam a exaltação e a defesa da liberdade, esta que é das mais belas condições naturais da espécie humana.

O eixo temático do samba-enredo da Tuiuti (2018) é a escravidão. Seus versos funcionam a propósito de manter a unidade de sentido acesa pelas informações que trazem e que vão sendo significadas sob o guarda-chuva da noção de escravidão colonial, tópico discursivo central anunciado no título do samba-enredo. Na perspectiva da Linguística Textual (Schmidt, 1978), partes do texto servem ao todo textual, cujo sentido retroage para as partes, que são palavras, frases (versos), períodos, parágrafos (estrofes) sendo (res)significados por essa totalidade textual.

Numa primeira leitura, já se pode perceber *do que fala* a letra do samba-enredo da Tuiuti, 2018; *como fala* e *quem faz* falar requerem uma atitude mais analítica do leitor. Numa primeira leitura, no geral, o leitor absorve informações, mais ainda não alcança o entendimento (Adler; Doren, 2010), sobretudo, o entendimento discursivo do texto, isto é, qual é o seu posicionamento discursivo. Na letra da composição em tela, é possível perceber

que é a negação do fim da escravidão o posicionamento discursivo. Para nós, reconhecer o posicionamento discursivo do texto decorre de verificar-lhe a intenção, isto é, a intenção do próprio texto (Koch; Elias, 2018) e não a do compositor, a qual não temos como apurar por instrumentos estritamente linguísticos. A intenção do texto é verificável no nível discursivo-pragmático de análise, quando se é possível estabelecer relações comparativas entre discursos realizados sobre um mesmo acontecimento de mundo: no caso da letra em referência, trata-se da escravidão o acontecimento de mundo. Tantos textos quantos existem sobre a escravidão trazem versões sobre esse acontecimento de mundo, que, textualizado, se torna um acontecimento discursivo, como é o da letra do samba-enredo da Paraíso do Tuiuti, 2018.

Eis, abaixo, a letra:

Irmão de olho claro ou da Guiné...
 Qual será o seu valor? Pobre artigo de mercado
 Senhor eu não tenho a sua fé, e nem tenho a sua cor
 Tenho o sangue avermelhado
 O mesmo que escorre da ferida
 Mostra que a vida se lamenta por nós dois
 Mas falta em seu peito um coração
 Ao me dar a escravidão e um prato de feijão com arroz
 Eu fui Mandiga, Cambinda, Haussá
 Fui um rei Egbá preso na corrente
 Sofri nos braços de um capataz
 Morri nos canaviais onde se plantava gente
 Ê Calunga ê, ê Calunga!
 Preto Velho me contou, Preto Velho me contou
 Onde mora a Senhora Liberdade
 Não tem ferro, nem feitor...
 Amparo do rosário ao negro Benedito
 Um grito feito pele do tambor
 Deu no noticiário, com lágrimas escrito
 Um rito, uma luta, um Homem de Cor
 E assim quando a Lei foi assinada
 Uma lua atordoada assistiu fogos no céu
 Áurea feito o ouro da bandeira
 Fui rezar na cachoeira contra a bondade cruel
 Meu Deus! Meu Deus!
 Se eu chorar não leve a mal
 Pela luz do candeeiro
 Liberte o cativo social
 Não sou escravo de nenhum senhor
 Meu Paraíso é meu bastião

Meu Tuiuti, o quilombo da favela
É sentinela da libertação

Essa canção nos oferece muito mais para fins de análise do que faremos neste artigo. Fizemos um recorte que nos permite uma análise munida de três noções teórico-metodológicas, que, aqui, correlacionamos, quais sejam: a noção de informatividade, de *ethos* e de *face*.

Podemos identificar o sujeito do discurso sendo aquele que diz *eu*, ou o deixa subentendido. O *eu* é o sujeito cuja *face* é contornada pelas informações que enuncia, criando, em volta de si, uma imagem construída em meio a um sentido discursivo. No discurso do samba-enredo da Tuiuti, queremos dizer que vemos algumas *faces*. Sendo assim, temos de admitir que há mais de um sujeito do discurso na composição. Vale lembrar mais uma vez que não estamos falando do locutor do texto, que podemos dizer ser seu compositor, ou seus compositores, levando em conta que é comum haver mais de um compositor de um mesmo samba-enredo.

No que respeita à enunciação do *eu*, explícito ou implícito, temos adiante os seguintes versos destacados do texto. Segundo Schmidt (1978), as partes de um texto funcionam a seu favor total. Exercem função na cooperação da expressão textual. Os versos abaixo funcionam na tarefa de apresentar os informantes, mas não somente isso, traduzem informantes que situam seus lugares de fala no contexto da escravidão.

eu não tenho a sua fé, e (eu) nem tenho a sua cor
(Eu) Tenho o sangue avermelhado
Eu fui Mandiga, (Eu fui) Cambinda, (Eu fui) Haussá
(Eu) Fui um rei Egbá preso na corrente
(Eu) Sofri nos braços de um capataz
(Eu) Morri nos canaviais onde se plantava gente
(Eu) Fui rezar na cachoeira contra a bondade cruel
Se **eu** chorar não leve a mal
(Eu) Não sou escravo de nenhum senhor

Os hiperônimos, como indígena, escravizado, no contexto da colonização, implicam uma noção de igualdade, igualdade de condição na qual são dessubjetivados os indivíduos. Nesse contexto, indivíduos que passam a ser assujeitados ao referencial sociodiscursivo desses termos. São, então, sujeitos generalizados por efeito dessas expressões que afetam suas singularidades. No texto do samba-enredo da Tuiuti, 2018, são singularidades étnicas individualizadas por um *eu* discursivo. Este *eu*, a rigor, não se repete, senão apenas textualmente, porque, discursivamente, cada um *eu* informa ser de uma origem étnica distinta. Segundo o *site* Wikipédia, *Mandinga* é um grupo étnico da África Ocidental, remanescente do Império do Mali; *Cambinda*, (encontramos escrito Cabinda (sem -m-) no referido *site*), refere-se a uma das dezoito províncias angolanas; *Haussá* é um povo de Sael, uma faixa de terra da África Ocidental; *Egbá* é um subgrupo dos iorubás da Nigéria.

Partindo da noção de que se há necessidade de especificação de algo é porque há concorrência para a sua compreensão inicial, chegamos à lei da economia do uso da linguagem para embasar nosso entendimento. Para Ducrot (2020, p. 24),

se é afirmado, a propósito de uma pessoa, que ela gosta de romances policiais, o ouvinte inclina-se a concluir, para justificar a precisão trazida pela palavra ‘policiais’, que ela gosta pouco, ou menos, de outros romances. Pois, se ela gostasse igualmente de todos os romances, qual seria a utilidade em acrescentar essa determinação, considerando que seu interesse por romances policiais se reduziria, a título de caso particular, de seu interesse geral pelos romances.

Entendemos que todos os elementos linguísticos de um texto têm importância na sua produção de sentido. Não que tenham importância antes de serem empregados, porque não estamos analisando as intenções do locutor. Os elementos passam a ter suas importâncias ao serem empregados no texto. Se nele existem, importantes são.

Se cada um *eu* do samba-enredo precisou quem foi escravizado, suas especificações assumiram importâncias no texto. Para nós, todas as sentenças de um texto são solidariamente importantes, distinguindo-se pela informação mais ou menos inesperada que

possam trazer segundo a estrutura sintático-semântica tradicional, ou segundo a estrutura discursivo-pragmática relacionada a discursos mais ou menos mantenedores de um ponto de vista comum em uma sociedade.

Dentro de um universo semântico do texto do samba-enredo da Tuiuti, 2018, trazendo a escravidão como tema, a informatividade se torna relativa, isto é, relativa ao que se pode ser empregado para a manutenção e a progressão temática da escravidão. Nesse contexto, *Mandiga, Cambinda, Haussá, Egbá* são elementos relativos ao universo semântico do texto, tranquilamente possíveis de ocorrer segundo uma análise da estrutura sintático-semântica, na medida em que a função sintática de sujeito assumida pelo *eu* aceita de bom grado essas especificações étnicas em virtude do que permite o verbo de ligação *fui*.

Em análise da estrutura discursivo-pragmática é quando podemos depreender a eficiência da utilização desses termos étnicos e geográficos. Isso porque permitem o endossamento do sentido de escravidão pela introdução de elementos linguísticos que se referem a regiões específicas da África, donde se fez perceber que saíram os escravizados. Nessa estrutura, podemos utilizar mais a noção de lei da economia do uso da linguagem. Para isso, basta que percebamos que o dito sempre interdiscursiviza com o não dito. Quando se empregou *Mandiga, Cambinda, Haussá, Egbá*, deixou-se de empregar outros lugares donde também foram desterritorializados seres humanos, como os povos eslavos. Na prática, não foram apenas os citados no samba-enredo, mas no discurso sim, ao menos foram eles os considerados mais relevantes para tratar do tema da escravidão no interesse da intenção desse texto da Paraíso do Tuiuti.

O enredo do samba-enredo da Tuiuti permite entender que cada *eu* é um *eu* diferente: eu *Mandiga*, eu *Cambinda*, eu *Haussá*, eu *Egbá*. O sujeito do discurso pode ser compreendido, *lato sensu*, como o escravizado, no singular, ou seja, em amplo sentido, um sujeito escravizado inespecífico, ou pode ser compreendido como, na verdade, vários

sujeitos específicos do discurso. Todos eles, igualando-se na escravidão, confundem-se nos versos: (Eu) *Sofri nos braços de um capataz* / (Eu) *Morri nos canaviais onde se plantava gente* / (Eu) *Fui rezar na cachoeira contra a bondade cruel* / *Se eu chorar não leve a mal* / (Eu) *Não sou escravo de nenhum senhor*. Se, nesses versos, seus *ethos*, ou seja, suas imagens, no discurso, se igualam, são generalizadas, pelos termos *Mandiga*, *Cambinda*, *Haussá*, *Egbá*, são particularizadas, preservando cada uma sua face. Isso nos permite dizer que, na composição textual em análise, há um *ethos* hiperônimo (escravizado), que se desmembra em *ethos* hipônimos (*Mandiga*, *Cambinda*, *Haussá*, *Egbá*). No contexto da obra do citado samba-enredo, cada face legitima-se como escravizado, tendo lugar de fala na enunciação da escravidão, noção atuante como eixo temático do samba-enredo da Paraíso do Tuiuti, 2018.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, tivemos a intenção de ampliar as possibilidades de compreensão sobre o fator de textualidade conhecido por informatividade. Parece que têm sido poucos os investimentos na ampliação dessa noção, que, no geral, se traduz em termos de graus de conhecimento novo que partes do texto podem trazer ao leitor. De fato, é válida essa abordagem, mas não é suficiente para dar conta dos efeitos, especialmente, discursivos da informatividade.

A informatividade é um dos carros-chefes da textualidade. Não conseguimos duvidar de que todo texto tem uma função informativa, mesmo aquele em que pode não predominar essa função. Nessa linha de raciocínio, inserimos os sambas-enredo, textos do carnaval dos desfiles das escolas de samba. Podemos dizer que se inscrevem tanto numa função utilitária, como informar sobre os acontecimentos de mundo, quanto numa função estética, criando

um mundo pintado pelo tom do discurso que engajam, na maneira que fazem e quem faz falar no interior do dizer.

Pensar sobre a criação textual, no sentido do mundo que cria em seu interior, é o objeto de nosso interesse, que, ao mesmo tempo, abre como tarefa identificar o(s) sujeito(s) do discurso. Nosso alvo, pelo menos nesta obra, é a linguagem do samba-enredo, sua maneira de expressar o acontecimento de mundo que discursiviza. Com a informatividade, o texto diz sobre o mundo, sobre o destinatário e sobre o informante. Tivemos o foco de tratar deste, deixando para outra oportunidade abranger os outros.

A informatividade, dependendo dos nossos esforços, continuará sendo objeto de estudos que lhe possam ampliar a noção, vasculhando suas potencialidades textuais e discursivas. Envidamos esforços para que o leitor deste artigo seja beneficiário do que trouxemos a partir da correlação entre *informatividade, ethos e face*. Esperamos haver contribuído com os estudos de linguagem centrados no texto, donde partimos e para onde caminhamos.

REFERÊNCIAS

- ADLER, Mortimer J.; DOREN, Charles Van. **Como ler livros**. São Paulo: É realizações, 2010.
- AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- ANTUNES, Irandé. **Textualidade**: noções básicas e implicações pedagógicas. São Paulo: Parábola, 2017.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães *et al.* **Linguística Textual**: conceitos e aplicações. Campinas, SP: Pontes, 2022.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso**: modos de organização. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- D'AZEVEDO, Marcelo C. **Teoria da Informação**. Petrópolis: Vozes Limitada, 1971.

- DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Trad.: Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes, 1987.
- FARIAS, Julio Cesar. **Para tudo não se acabar na quarta-feira: a linguagem do samba-enredo**. Rio de Janeiro: Litteris, 2002.
- FÁVERO, Leonor Lopes. A informatividade como elemento de textualidade. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, PUCRS, v. 18, n. 2, p. 13-20, jun. 1985.
- FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. **Lições de texto: leitura e redação**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- FIORIN, José Luiz. **Em busca do sentido: estudos discursivos**. São Paulo: Contexto, 2019.
- GOFFMAN, Erving. **Representação do eu na vida cotidiana**. Trad.: Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.
- GOFFMAN, Erving. **Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face**. Tradução: Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- KOCH, Ingedore Villaça. **Introdução à Linguística textual: trajetória e grandes temas**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Escrever e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2018.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análises de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Linguística de texto: o que é e como se faz?**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- ORTIZ, Elsa Maria Nitsche. O sujeito do samba-enredo. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 1, n. 2, p. 115-132, 1998.
- PONTES, Eunice Souza Lima. **Sujeito: da sintaxe ao discurso**. São Paulo: Ática: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1986.
- SCHMIDT, Siegfried J. **Linguística e teoria do texto: os problemas de uma linguística voltada para a comunicação**. Tradução: Ernst F. Schurmann. São Paulo: Pioneira, 1978.
- SILVA, Tiago Herculano da. A narrativa decolonial no desfile da escola de samba mangureira no carnaval de 2019. *In*: JORGE-FERREIRA, Susana. **Infância com artes e artes na infância: implicação das artes no processo de crescimento e desenvolvimento da criança**. São Paulo: Científica Digital, 2021.
- VAL, Maria da Graça Costa. **Redação e textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- VASCONCELOS, Jack. **Livro Abre-alas: Paraíso do Tuiuti**. Rio de Janeiro: LIESA, 2018. Disponível em: <https://liesa.globo.com/downloads/memoria/outroscarnavais/2018/abre-alas-domingo.pdf>. Acesso em 26 abr. 2024.